



# HISTÓRIAS E ATRAVESSAMENTOS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA

Leonor Fernanda Volpato de Moraes<sup>1</sup>  
Rede Municipal de Ensino de Campo Grande – MS  
[volpatofernanda1982@gmail.com.br](mailto:volpatofernanda1982@gmail.com.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-3018-5136>

**Modalidade:** comunicação oral.

**Resumo:** Este artigo tem a intenção de apresentar alguns movimentos em torno da avaliação da aprendizagem, durante as aulas remotas que aconteceram no ano de 2020 em uma escola pública municipal de Educação Básica de Campo Grande - MS. É fruto do recorte de uma dissertação em andamento, desenvolvida sob os princípios da História Oral, e tendo como referencial teórico-metodológico o Modelo dos Campos Semânticos. Os dados foram produzidos apropriando da potencialidade de entrevista com professores de matemática atuantes.

**Palavras-chave:** Educação Matemática, Modelo dos Campos Semânticos, História Oral, Avaliação.

## 1. Introdução

Este artigo faz parte de uma dissertação de mestrado intitulada “*Avaliações e seus atravessamentos em práticas profissionais de professores de matemática*”, que foi desenvolvida como parte das pesquisas do Grupo de Pesquisa em Formação, Avaliação e Educação Matemática (FAEM), que se constitui como um espaço de pesquisa e desenvolvimento na área da Educação Matemática.

A estrutura desta pesquisa se desenvolve com base nas entrevistas com quatro professores de matemática que atuam nos anos finais do ensino fundamental da Educação Básica. A temática principal é avaliação (por avaliação entendemos avaliação da aprendizagem na aula presencial e remota, avaliações externas), e sobre o ensino remoto, com a qual esta pesquisa foi atravessada e investigamos movimentos, discussões de seus efeitos na prática profissional de professores de matemática de uma escola pública municipal de Educação Básica de Campo Grande -MS. Para dar ênfase ao campo teórico-metodológico da pesquisa, faz-se necessário apresentar de forma sucinta alguns pressupostos da História Oral em Educação Matemática e algumas noções do Modelo dos Campos Semântico.

---

<sup>1</sup> Professora Mestra Leonor Fernanda Volpato de Moraes, atuante na educação básica da rede municipal de educação de Campo Grande MS, [volpatofernanda1982@gmail.com.br](mailto:volpatofernanda1982@gmail.com.br)

A História Oral como método de pesquisa qualitativa em Educação Matemática se configura como uma possibilidade para realizar trabalhos que envolvem, intencionalmente, a produção de fontes por meios de entrevistas. Já o Modelo dos Campos Semânticos apresenta uma possibilidade refinada de leitura de processos de produção de significados.

## 2. Um olhar para a sala de aula de matemática no ensino remoto.

No contexto mundial, quando fomos atingidos pelo vírus do covid-19, uma impossibilidade de realizar os encontros presenciais entre professores e alunos, devido ao isolamento social, as aulas remotas surgem como uma alternativa, para continuar o ano letivo.

As escolas públicas foram atuadas para trabalhar remotamente, uma situação bastante complicada pois os professores, os gestores, os coordenadores, as secretarias não tínhamos nenhuma experiência, todo o trabalho foi realizado dentro das possibilidades de cada escola, muitas vezes acertamos e erramos.

Algo que ficou marcado foi o desafio enfrentado pelos professores, gestores, alunos e pais, com relação ao uso das tecnologias digitais, era necessária uma formação, mas não houve tempo, por conta que precisamos prosseguir com o ano letivo.

As aulas remotas são subsidiadas pelas tecnologias digitais, mas no modelo da aula presencial, o professor fica disponível durante a aula presencial para atender as dúvidas dos alunos.

A organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), no dia 18 de março de 2020, confirmou que 85 países fecharam totalmente as atividades presenciais para amenizar o contato com o novo coronavírus, atingindo 776,7 milhões de jovens e crianças estudantes, sendo assim, foi optado pelo ensino completamente a distância, decisão tomada após discussão ocorrida em evento que os governos de 73 países participaram virtualmente (UNESCO, 2020).

A frase a “educação se reinventou” deveria ser os professores se reinventaram, mas não conseguiram alcançar a todos os alunos. Os alunos da escola pública não são da família tipo *propaganda de comercial de margarina*, onde existe um pai que trabalha e sustenta toda a família, a mãe tem empregada doméstica, e essa mãe passa o dia inteiro falando com os filhos e estudando juntos. A nossa realidade é outra!

No ano letivo de 2020, a maior diferença social e economicamente ficou registrado, pelas narrativas dos professores que participaram desta pesquisa, foi várias vezes relatado sobre a diferença entre a escola particular e a escola pública, enquanto nossos alunos da escola pública não tínhamos acesso ao planejamento do professor, várias vezes e não foram poucas, os coordenadores recebiam os pais dizendo que não tinham passe para ir a escola buscar os cadernos de atividades, que os filhos não tinham acesso a internet, aos vídeos postados online.

A sugestão de educação remota na rede pública como um todo, pode ser percebida como um grande equívoco, pois, inviabiliza o acesso ao conhecimento da classe social menos favorecida, por não ter acesso às tecnologias digitais ou não possuírem condições de moradia adequada para acompanhar de maneira satisfatória os momentos de aulas virtuais, pois, moram em residências pequenas com poucos espaços apropriados para poder estudar. Outro ponto de vista é que durante o isolamento social, os familiares estão confinados dentro de casa causando, por muitas vezes, estresse e até violência física e/ou psicológica. Os pais encontram várias dificuldades para ensinar as atividades escolares, dificultado pelo grau de escolaridade familiar, principalmente, os pais de estudantes da rede pública (ALVES, 2020, p.355).

Avaliar nesse contexto, é algo complexo, porque a escola tem uma cultura sobre a prova, a prova precisa ser realizada individualmente sem ajuda de outras pessoas, ou de alguma tecnologia, qual a melhor maneira para avaliarmos nesse contexto?

Em primeiro lugar, precisamos esquecer a maneira que lidamos com as provas tradicionais. Já que existe um slogan do "novo-normal", um dos maiores desafios marcado nesse período de forma provisória é a modificação das estratégias. Não dá para pensar em avaliar como se estivéssemos presencialmente, tudo mudou, então precisamos mudar também a maneira de avaliar.

Quando falamos de avaliação na educação básica em ensino remoto, precisamos entender todo processo avaliativo de modo contínuo e diversificado, tanto como metodologias, como em ferramentas avaliativas.

Precisamos priorizar a qualidade, frente a quantidade, ensinar a aprender, buscar, desafiar, retomar, adaptar, avaliar e reavaliar seria uma verdadeira reorganização do cotidiano. A palavra empatia é muito importante, se colocar no lugar do outro, um olhar para cada aluno, de como aquele aluno, aquela família vai conseguir se organizar para realizar as atividades escolares, pois estamos atribuindo mais uma tarefa para os pais.

### 3. Modelo dos Campos Semânticos e a História Oral

O Modelo dos Campos Semânticos enquanto modelo de fundamentação teórico-metodológica no universo da Educação Matemática contribui-se para melhores resultados no desenvolvimento das etapas de ensino e de aprendizagem do aluno, pois a teorização possibilita a leitura da sala de aula, de matemática. Na obra “Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história” [um compilado de produções diversas de autoras e autores que se interessavam na profundidade da leitura que podiam realizar] apresenta-se de maneira esclarecida, a teorização.

Segundo Lins (2012), a análise do Modelo Teórico dos Campos Semânticos (MCS) é formado por uma tríade crença-afirmação e justificação, entretanto, todo conhecimento traz em si uma justificação. Para o autor, o conhecimento está atrelado ao processo de enunciação, que é uma construção pessoal da linguagem direcionada tanto ao transmissor quanto ao receptor do enunciado. De acordo com Viola dos Santos e Lins (2016), nos colocarmos em movimentos de produção de legitimidades é:

Constituir crenças-afirmações junto com justificações na direção de interlocutores que acreditamos autorizariam (legitimariam) essas produções; é compartilhar interlocutores e construir um espaço comunicativo no qual seria possível produzir outros modos legítimos de produção de significados para a formação matemática de professores (VIOLA DOS SANTOS; LINS, 2016. p.355).

Os autores estabelecem que ao mobilizarmos a edificação da legitimidade constrói-se não só as crenças-afirmações, mas também suas justificações, as quais otimizam-se por intermédio dos interlocutores, motivando um ambiente favorável à comunicação; meio pelo qual aprimora-se a formação e legitimação de significados.

Lins (1999) afirma que, no campo de Ensino da Matemática, “conhecimento é algo do domínio da enunciação” (p. 88). Sendo assim, para o autor, o conhecimento é o domínio da fala, e não do texto. Portanto, os livros são resíduos de enunciação, eles são marcas de um processo de produção de conhecimento que aconteceu.

Nesse contexto entende-se que, para Lins (1999), o MCS no âmbito do conhecimento matemático é um modo de analisar interações, o qual justifica-se por meio de diferentes maneiras, dependendo do interlocutor e da forma como foi absorvida por seu receptor.

Neste estudo apresentamos a História Oral como mais um fundamento teórico-metodológico dentre os movimentos de pesquisa em Educação Matemática, o qual mostra-se como um importante dispositivo de análise da abordagem qualitativa, contrapondo-se aos meios tradicionais de natureza sistematizada e despontando-se como uma possibilidade no tocante às práticas avaliativas.

Para o autor, a História Oral fundamenta-se na Historiografia, e é descrita por Garnica (2015) como apontamentos fieis de narrativas. Por intermédio da metodologia de História Oral possibilita-se a promoção de diálogos entre os indivíduos investigados, a audição de suas vozes, e a textualização de seus relatos; meios pelos quais subsidia-se a construção da história oficial.

No tocante a este estudo, o emprego da História Oral viabiliza a compreensão das narrativas de quatro professores da área do Ensino da matemática convidados a participarem desta pesquisa no intuito discutir a respeito das práticas avaliativas na sala de aula (física e/ou virtual), tanto quanto a execução de avaliações em grande escala, como é o caso da Prova Brasil.

Neste sentido, atentar-se às narrativas e conversar com elas apresenta-se como um passo importante no processo de aquisição do saber; levar em conta tais fontes não apenas amplia o arsenal de recursos para escrever história, mas, agrega a historiografia novas abordagens procedimentais, novas perspectivas teóricas, novos problemas e novos objetos” (GARNICA, 2015, p.44).

Posto isto, considera-se que, mediante as novas fontes orais engendradas a partir das entrevistas, fomenta-se a produção de historiografias legitimadas. Portanto, as narrativas expostas neste artigo mostram-se como uma proposta de oportunizar uma discussão sobre avaliação fundamentada não apenas nas experiências acadêmicas, mas nas vivências de alguns professores da educação básica e uma professora pesquisadora.

Segundo Souza e Silva (2007), narrar revela-se como uma forma de expor acontecimentos por meio de relatos, neste sentido, os estudos acadêmicos como uso de História Oral enquanto instrumento analítico incorpora a função explicitar o transcorrer dos fatos e de que forma as coisas constituíram-se. Silva (2015) expõe:

Na metodologia aqui adotada vejo que o trabalho com múltiplos olhares, explicitados em múltiplas narrativas, é privilegiado, uma vez que possibilita aqueles que comumente não ocupam papel de destaque na sociedade ou em algum de seus setores- no caso, a academia-, a participação ativa na produção de histórias que os compuseram como sujeitos ao mesmo tempo em que eles as compuseram (SILVA, 2015, p.25)

O autor destaca a importância da História Oral no que toca a academia, tendo em vista que por meio de cada narrativa construída representa-se diferentes perspectivas sobre dado objeto; o que torna cada um dos atores de uma interlocução, tanto produtores quanto disseminadores de algum conhecimento.

Portanto, as histórias expostas oralmente pelos sujeitos, suas narrativas, “servem para construir outras narrativas nas quais a voz do pesquisador está irremediavelmente contaminada pelas vozes daqueles que teve como interlocutores” (GARNICA, 2010, p.34).

Fundamentar-se na história oral enquanto metodologia de pesquisa é admitir a influência que a oralidade exerce no resgate da história, é produzir e ancorar a compreensão e produção de significados por meio dos resíduos de enunciação.

Segundo Sousa e Silva (2007, p.151), a narrativa constituída a partir de situações de entrevistas, coloca-se como um importante “meio” de conhecer as histórias de professores e alunos que vivenciaram mudanças e propostas, talvez, "inovadoras" de uma certa época.

Considerando a História Oral como um método de pesquisa qualitativa em Educação Matemática, configura-se como uma possibilidade para realizar trabalhos que envolvem, intencionalmente, a produção de fontes onde as entrevistas desempenham um papel fundamental na exposição de pessoas que estão convivendo em um mesmo contexto, neste caso, o escolar, articulando assim teoria-prática.

História Oral e Educação Matemática pode desempenhar no que diz respeito á formação de professores de Matemática. Concepções e práticas, sabemos, são termos visceralmente interligados: há uma retroalimentação entre práticas e concepções. Concepções alimentam-se das práticas e nessas práticas são explicitadas e rearticuladas, gerando/reforçando concepções. O estudo das práticas de atuação e de formação de professores, portanto, parece ser ingrediente fundamental a ser discutido em um espaço cujo objetivo precípua é a formação de professores que transitará por práticas/concepções muitas delas já estabelecidas e, portanto, confortáveis, exigindo reavaliação. (GARNICA, 2006, p.159)

Logo, entende-se que no desenvolvimento desta pesquisa produziu-se fontes orais, ou seja, histórias orais, com os professores de Matemática a respeito de suas concepções sobre os instrumentos metodológicos de avaliação do ensino e da aprendizagem, inusitadamente, em tempos de pandemia.

Segundo Garnica, (2006, p.159), o “estudo das práticas, portanto, será tão mais eficiente quando feito a partir de sujeitos concretos, próximos, sejam eles atores do processo escolar

(professores, alunos, administradores, pais, mães, vizinhos, amigos)”. Segundo Santos e Silva (2012), nas abordagens de caráter investigativo/histórico:

Frente ao cenário pandêmico vivenciado pela dimensão profissional e acadêmica do matemático, considera-se a transcrição das narrativas como uma metodologia diferenciada no contexto acadêmico, e ressalta-se a importância deste trabalho no âmbito do universo educacional direcionado ao Ensino da Matemática.

Neste contexto, a História Oral revela-se como um recurso instrumental essencial no que toca a nova realidade acadêmica brasileira, as aulas *online*. Tendo em vista que, o modo de ensino e de aprendizagem a partir do ano de 2020 forçou uma reinvenção de seus processos, carregando consigo todas as suas complicações, que é afixada no corpo deste artigo.

Posto isto, nesta pesquisa também tenciona-se contribuir para os estudos da Educação Matemática, no que tange à momentos críticos enfrentados a partir do ano de 2020. Espera-se que as textualizações aqui descritas possam servir de aporte na construção de estudos futuros, a partir das concepções trazidas pelos sujeitos desta pesquisa. Tendo em vista que, segundo Santos (2012) as textualizações:

A postura qualitativa do pesquisador nesse processo se inscreve em seus desejos, crenças, concepções, subjetividades, ou seja, todo um amálgama político cultural que circunscreve sua prática de pesquisa, que se constitui em produzir narrativas de momentos de entrevistas, e também outras narrativas de análises, teorizações, alinhavos, sistematizações. (SANTOS, 2012, p.23-24)

Entende-se que, no processo de elaboração das narrativas produz-se dentro de um determinado contexto de cultura e tempo. Segundo Santos (2012, p.26) “quando narramos nos constituímos. Narrar é constituir-se nas possibilidades da experiência, nos labirintos da linguagem, nos posicionamentos frente aos desejos do outro”.

Ao narrar, reconstruímos histórias, ou seja, contamos nossas próprias versões sobre elas, produzimos nossas histórias. Neste contexto, incorpora-se o papel de personagem principal, reconhece-se na própria vida algo de nossa prática, momentos importantes que ficam notados em nossas memórias, esse contar se dá em direção do outro, do pesquisador.

No *tocando* as transcrições/narrativas não compete ao pesquisador examiná-las, no intuito de decidir se estão certas ou erradas, verdadeiras ou falsas, a ele sim cabe a função de falante e ouvinte, pois o falante, nesse caso o professor entrevistado diz algo, de sua rotina, de

sua prática, de coisas que está acostumado de ver, e naquele momento da entrevista, achou interessante de falar e expor.

Nas narrativas, então, reside a própria possibilidade e potencialidade do que temos chamado História Oral, e tratamos de pensa-las não mais como constituindo “a” história, mas como constituidoras de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relatam determinados tempos e situações. Tanto quanto é a descrição para a pesquisa qualitativa, as narrativas orais fixadas pela escrita são tomadas como fontes históricas, intencionalmente constituídas, que não estão subjugadas a um critério de valor definido por meio da ‘realidade’ e da ‘concretude’ do mundo. As descrições constituem o solo no qual estão fincados os conceitos das Humanidades. (GARNICA, 2010, p.34-35)

Vale enfatizar que cada texto construído com os professores a partir das entrevistas constituiu-se em meio aos estudos e à observação das atividades do cotidiano da escola. Ao falar sobre avaliação, por exemplo, encontros e desencontros se constituem no movimento de teorização. São possibilidades de produção de conhecimento por meio das entrevistas realizadas e em que busquei criar/produzir narrativas e suas textualizações.

### **Narrativas dos professores de matemática da educação básica.**

#### ***Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?***

Na avaliação da aprendizagem afeta diretamente e completamente, porque a avaliação é contínua, e essa continuidade a gente não está tendo, porque nós estamos através de mídias tecnológicas, nós não estamos olhando o que realmente o aluno está fazendo. Aquele desenvolvimento do aluno que você tem a avaliação dele você não consegue ter, avaliação da aprendizagem dele, porque pra mim essa avaliação é contínua, todo dia. (LEANDRO, 2020)

#### ***Qual o sentido de pensar em avaliação durante essa pandemia?***

Não se tem um sentido pensar em avaliação nesse momento, porque essas avaliações você não sabe realmente se é o aluno que está fazendo, se é um familiar, e também é cultura nossa a avaliação ser individual, lá o aluno tem acesso as mídias, aos livros, ao pai, a mãe, o tio, nesse momento a avaliação tradicional não faz sentido. (LEANDRO, 2020)

***Qual a sua leitura de atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatsapp ou por e-mail?***

Pra fazer uma leitura devemos ter uma participação, a partir do momento que você tem que ter uma participação a gente consegue fazer uma breve leitura, sabemos que hoje, em algumas escolas a participação é baixa, no geral já é baixa, em algumas escolas é quase zero, fica difícil fazer essa leitura.

Agora sim, quando o aluno entra na aula, pelo Whatsapp ou na reunião pelo *meet* e ele participa e joga suas dúvidas você já faz uma leitura desse aluno, da sua aula, mas sem a participação dos alunos fica muito difícil fazer essa leitura porque a participação é baixa. (LEANDRO, 2020)

***Na sua opinião por qual motivo os alunos não estão participando dessas aulas remotas?***

Depende muito da realidade da família também, porque tem família que não tem condições, tem 4 ou 5 crianças e um celular para família que o pai leva para trabalhar, e tem outros que não têm interesse, têm turmas minhas que participam 7 alunos de 30 alunos, aí vem a participação da família, e outra o poder aquisitivo, não é só cobrar a família. O aluno que tem uma família com condições um pouco melhor, e uma base familiar que os pais têm um conhecimento para ajudar, esse aluno deslancha. A aula remota é muito bonita, quando você coloca uma foto de uma criança dentro de um quarto, e nesse quarto tem mesa, computador, televisão, livros, mas sabemos que a grande parte da população não tem essa realidade. (LEANDRO, 2020)

***Como esse período de pandemia afeta a avaliação da aprendizagem?***

Essa pandemia não pode ter o contato físico, porque a transmissão vírus é muito rápida, quando o professor passa uma avaliação online, vou passar uma avaliação onde o aluno vai responder em casa, existe uma cultura que o aluno tem que ser fiel naquela prova sem consultar algo, fazer como se estivesse em uma sala de aula com professor olhando, nós sabemos que existem muitos recursos com que faça os alunos a tirarem nota dez, 100% dos alunos tiram nota

dez, e realmente isso é confiável, existem um nível de confiança muito baixo quando acontece de todos tirarem dez, eles podem obter as respostas pela internet de uma maneira muito rápida.

A aprendizagem fica muito comprometida no ensino remoto. Eu apliquei prova online teve notas altas e teve também notas baixas, porém nós que conhecemos nosso aluno, conheço o perfil de cada um, sabemos que o aluno pode ter copiado da internet ou não. Então comprometeu muito a avaliação da aprendizagem esse ano, nesse processo de pandemia que estamos passando. (IVANEI, 2020)

***Você atende duas redes, mesmo com os investimentos da rede particular acha que os alunos estão aprendendo?***

Acredito que o aluno que estuda, independentemente do local, se é particular ou público, aquele tipo participativo questionador, se é presencial ou é a distância ele aprende. Agora em contrapartida, e os outros alunos, demais alunos que quando estão em sala de aula o professor falando com ele o tempo todo: “pega o material, presta atenção”, esse aluno que você tem que estar sempre em contato com ele, como vai ficar esse aluno? Acredito que essa dificuldade em sala de aula, agora nesse momento ficou maior, nesse período de pandemia, nem todos os alunos vão aprender, vamos ter uma série de alunos com um mínimo de aprendizagem ali ou nenhuma aprendizagem. (IVANEI, 2020)

***Qual sua leitura de atividades dos alunos nas aulas remotas, tanto por Whatsapp ou por e-mail?***

As atividades dos alunos estão de um modo mais delicado do que já era no presencial, o ensino à distância hoje, se alguém falar que o ensino a distância veio pra ficar, isso não vai funcionar enquanto escola básica. Porque hoje você já vê falando o novo modelo de ensino, o aluno precisa do professor próximo dele, essa é minha opinião.

Porque você passa as atividades para os alunos, o aluno te dá o retorno, você dá o retorno pro aluno depois, não estamos falando de um ou dois alunos que você orienta momentaneamente, estamos falando de um público de 40 alunos por sala em média, são muitas coisas pra ficar monitorando, se ficar desse modo com aulas remotas é um professor para uma sala de aula e acabou, ninguém consegue atender mais que isso. A minha leitura sobre essas atividades, comprometeria muito o trabalho do professor, porque o professor teria que estar a

todo momento dando retorno para o aluno, teria que ter também uma fidelidade grande da família, o pai teria que estar te apoiando para que o filho fizesse todas as atividades, porque nem todos fazem, em média 60% dos alunos entrega as atividades, o restante não entrega, como você vai cobrar esse aluno? Você não tem um respaldo para futuras avaliações, pra você ver sua prática docente, nem todos os alunos entregam as atividades, comprometendo o ensino. (IVANEI, 2020)

#### 4. Considerações

Pelas entrevistas com os professores de matemática e também pela minha experiência (nunca esquecendo que sou professora da educação básica), concordo com os professores que dizem que aula *remota é bonita só na foto*.

Aula remota é a maneira mais excepcional de excluir os alunos das escolas públicas, porque, quanto ao aprendizado, os alunos não têm acesso aos *links* e aos vídeos postados, considerando que a maioria não tem computadores e, quando tem, não há acesso à internet de qualidade. Se os alunos não têm acesso às informações dos professores, como podemos pensar em avaliar por meio de provas formais - *provas e exames*? Nesse sentido, esse tipo de instrumento não deve ser pensado durante essas orientações das aulas remotas.

Também quero ressaltar que não podem punir os pais trabalhadores, dizendo que é responsabilidade dos pais ensinarem os alunos neste tempo de pandemia, pois o pai não é professor, e esse pai e essa mãe não têm conhecimento científico para ajudar os filhos. Eles estão mais preocupados em trazer o alimento para casa, considerando que a Covid-19 trouxe muito desemprego, pelas orientações de segurança.

Sei que existem leis dizendo que a avaliação formal é a obrigatória para aprovação de uma série a outra, porém essas leis nunca foram pensadas em uma época que seria necessário distanciamento entre as pessoas. Se os professores forem obrigados a aplicar provas durante as aulas remotas para os alunos da escola pública, será a maior exclusão já vista, em anos de trabalho. Sei que não vou mudar o sistema de ensino, nem a escola na qual trabalho, mas é importante ouvir os professores. Baseando-me nisso, posso colaborar muito para melhorar o ensino da matemática nas escolas. Portanto, esse é nosso papel: contribuir para a formação de cidadãos críticos e participativos, lembrando que a escola deve ser um espaço de inclusão.

## 5. Agradecimentos

Agradeço primeiramente à Deus, pela oportunidade ao meu orientador João Ricardo Viola dos Santos pelo aprendizado e paciência, aos quatro professores que contribuíram com a minha pesquisa, deixo aqui meu, muito obrigado!

## Referências

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. Interfaces **CientíficasEducação**, v. 8, n. 3, pág. 348-365, 2020.

GARNICA, M. V. A. Outras inquisições: apontamento sobre História Oral e História da Educação Matemática. **ZETETIKÉ-Cepem-FE-Unicamp**-v.18 n.34-jul/dez-2010

GARNICA, M. V. A. História oral em educação matemática: um panorama sobre pressupostos. **HISTÓRIA ORAL**. v.18, n.2,p.35-53, jul./dez.2015

GARNICA, M. V. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. Ci. Huma. e Soc. em Rev. **Seropédica** v.32 n.2 Julho/Dezembro 29-42 2010

LINS, R. C. **O Modelo dos Campos Semânticos**: estabelecimentos e notas de teorizações. In: Angelo, C. L. Barbosa, E. P. Santos, J. R. V. Dantas, S. C. Oliveira, V. C. A.. (Org.). **Modelo dos campos semânticos e educação matemática: 20 anos de história**. 1ed. São Paulo: Midiograf, 2012. Lins constrói a noção de legitimidades em relação à essa discussão.

LINS,R.C.; VIOLA DOS SANTOS, J. R. Movimentos de teorizações em Educação Matemática, **Bolema**, Rio Claro (SP), v.30, n.55, p. 325-367, ago. 2016

LINS,R.C.; Perspectiva em aritmética e álgebra para o século XXI/ Romulo Campo Lins, Joaquim Gimenes. – Campinas, SP: **Papirus**, 1997.- (Coleção Perspectivas em Educação Matemática)

SANTOS, J. R. V. **Legitimidades possíveis para a formação matemática de professores de matemática (ou: assim falaram Zaratustras: uma tese para todos e para ninguém)**. / João Ricardo Viola dos Santos. - Rio Claro : [s.n.], 2012 355 f. : il.

SILVA, C. R. M. Uma, nove ou dez narrativas sobre as licenciaturas em ciências e matemática em Mato Grosso do Sul/ Carla Regina Mariano da Silva. -Rio Claro,2015



SILVA. H. e SOUSA. A. L. A história Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Bolema**, Rio Claro (SP), Ano 20, nº28, 2007, pp. 139 a 162

UNESCO. ChildrenWithDisabilities. 2020. Disponível em: <https://en.unesco.org/themes/inclusion-in-education/>. Acesso em: 9 de jan. 2021.